

E se fôssemos para o deserto?

Carta aos irmãos
ABRIL 2026

Caros irmãos e irmãs das Escolas Pias, não precisaríamos ir muito longe: bastaria ousar deixar para trás, por um instante, o ruído que nos rodeia, inclusive o ruído interior, para entrar naquele espaço onde o supérfluo desaparece e o essencial reaparece.

A **Quaresma**, em essência, é isso: **um convite ao deserto**.

Mas o deserto não é apenas um espaço, **é também um chamado que pode ser ouvido**. Às vezes, surge como uma necessidade interior, quase imperceptível: o cansaço do ruído, a intuição de que precisamos parar... Outras vezes, vem por meio de um intermédio: uma palavra, o Evangelho, um estímulo na oração ou uma pessoa que nos convida...

A vida espiritual amadurece talvez nesse ponto, quando deixamos de resistir ao deserto e começamos a desejá-lo. Quando não entramos mais nele simplesmente porque não temos alternativa, mas porque reconhecemos nele um espaço e um tempo necessários. Então **o deserto deixa de ser uma imposição e se torna uma escolha**.

Um deserto que não é ausência, mas presença; não esterilidade, mas essencialidade; não fuga, mas um caminho; não vazio, mas encontro.

O Evangelho nos lembra disso poderosamente: Jesus não escolhe o deserto como um refúgio confortável, mas é conduzido até lá¹ (Mc 1,12). Há momentos na vida em que não somos nós que decidimos entrar no deserto, mas sim a própria vida, ou o próprio Deus, que nos conduz até lá.

O deserto: um lugar onde Deus fala ao coração.

Na tradição bíblica, o deserto não é simplesmente um lugar geográfico, é um espaço espiritual: um lugar da aliança, da brisa suave e também da provação.

O **profeta Oséias** expressa isso com extraordinária beleza: “Eu a conduzirei ao deserto e falarei com ela com ternura” (Os 2:16).

A palavra hebraica para deserto é **midbar**. Aqui, surge uma percepção preciosa: midbar compartilha a mesma raiz que *dabar*, que significa palavra, falar. O deserto, portanto, não é o lugar onde não há nada, mas o lugar onde tudo pode se tornar *palavra*.

Quando as distrações, a pressa e as vozes que nos bombardeiam de fora desaparecem, uma voz mais discreta, mas também mais autêntica, começa a emergir. No deserto, o que antes passava despercebido começa a falar: uma inquietação, uma questão não resolvida, um desejo genuíno, até mesmo uma ferida. E, pouco a pouco, Deus também. Não porque Ele não estivesse lá antes, mas porque agora Ele não precisa mais competir com nada. Então, toda a realidade se torna significativa; o que experimentamos, o que sentimos, o que nos acontece... tudo pode ser Palavra, isto é, um lugar de encontro, de chamado, de significado. O deserto não cria essa voz, mas a torna audível. E é por isso que é um lugar de graça, porque **restaura nossa capacidade de ouvir**.

As virtudes do deserto: uma teofania.

O deserto educa com suas próprias virtudes.

Silêncio: não como ausência de som, mas como um espaço para escutar.

Verdade: sem máscaras a serem mantidas: o que é, aparece como é.

Essencialidade: que nos ensina a distinguir (como um princípio básico da sabedoria) o necessário do supérfluo.

Paciência: o deserto não tem pressa; ele nos obriga a desacelerar e aceitar os processos.

Maravilhar-se com o pequeno: uma sombra, uma gota d'água, um broto de grama... No deserto, o

1.- Mc 1, 12: A continuación, el Espíritu lo empujó al desierto

2.- Midbar, término hebreo para desierto, comparte la misma raíz que Dabar, término que significa palabra. Con el prefijo Mi-, que frecuentemente se usa para indicar un lugar, el desierto se convierte en lugar de la palabra.

pequeno deixa de ser insignificante e se torna um sinal de vida.

Talvez esta seja a virtude mais importante: **a teofania, Deus se torna Deus novamente**. No deserto, Deus não se confunde com nossas ideias, nem com nossos projetos, nem com nossas certezas. Deus é Deus. Como aconteceu com Elias, que O procurou no espetacular e O encontrou numa brisa suave (1 Reis 19:12). O deserto também purifica nossa imagem de Deus.

O deserto, hoje.

Nem todos podemos viajar para o deserto, mas todos podemos entrar no deserto, o que muitas vezes é uma **conquista interior**.

Para os mais jovens, o deserto pode ser algo tão simples (e tão difícil!) quanto desligar o celular por um tempo, caminhar sem música, ficar sem estímulos constantes, aprender a estar consigo mesmos, sem dependências. Num mundo que nunca deixa de oferecer ruído, distração e comparação, o silêncio pode até ser um pouco vertiginoso. Porque nele surgem sentimentos que nem sempre sabemos nomear. Mas é precisamente aí que algo verdadeiro começa, quando alguém ousa, pouco a pouco, habitar o seu próprio interior.

Para um escolápio, o deserto pode significar retornar a momentos reais de oração, não apenas funcionais ou apressados; cultivar o silêncio para além da intensa atividade apostólica; reservar espaços para retiro, mesmo que breves; e não preencher cada vazio com tarefas. Há um risco muito real de vivermos voltados para fora, doando-nos generosamente, mas sem espaço para deixar Deus falar conosco interiormente. No entanto, a missão se sustenta a partir daí. O deserto não nos separa da doação, mas sim a enraíza e a torna mais sincera e robusta.

Para uma comunidade, o deserto pode significar criar espaços de silêncio compartilhado, não temer momentos sem palavras, discernir sem pressa ou ruído. Quando uma comunidade ousa entrar no silêncio, esperar junta... algo muda. O deserto compartilhado pode se tornar um lugar de comunhão mais profunda.

Que ruído está impedindo você hoje de ouvir o essencial?

É óbvio, embora talvez valha a pena lembrar, que nada disso tem a ver com **preguiça** ou uma maneira conveniente de se esquivar da responsabilidade. O

deserto não é um refúgio para quem não quer se envolver, nem uma desculpa para esvaziar a vida de compromissos; não é um retiro superficial, nem tempo morto. Pelo contrário, é um espaço exigente onde nos encontramos conosco mesmos, com Deus e com a verdade da nossa própria missão. Portanto, não deve ser confundido com negligência ou inércia. O deserto autêntico não nos distancia da vida, mas nos prepara para vivê-la com maior profundidade, fidelidade e dedicação.

Deserto e missão.

Blaise Pascal, sempre tão perspicaz, nos lembra que *todas as desgraças da humanidade provêm de uma coisa: não saber como permanecer em repouso num quarto*³. Talvez hoje pudéssemos dizer de outra forma: *não sabemos como habitar o deserto*. Achamos o silêncio difícil e o vazio inquietante.

Dentro dessa mesma estrutura, vale a pena considerar alguns ensaios contemporâneos, como *Sobre Deus: Pensando com Simone Weil*, de **Byung-Chul Han Han**⁴, onde, em diálogo com o grande pensador francês, somos convidados a redescobrir o valor do silêncio, do vazio e da atenção como caminhos para recuperar o sentido em meio a uma vida saturada de murmúrios e estímulos.

Mas é em **São José Calasanz** que essa intuição atinge uma profundidade particularmente luminosa para nós. Em uma de suas cartas, ele escreve: *“Admiro muito o seu retiro, com um ou dois companheiros, para fazer exercícios espirituais em um lugar distante da conversa humana, para conversar somente com Deus, e que Marta e Maria estejam juntas.”*⁵ Não se trata simplesmente de alternar contemplação e ação, como se fossem dois tempos separados, mas de aprender a vivê-los juntos. Em comunhão com Deus, naquele deserto desejado e habitado, forma-se um modo de estar na missão que não surge da eficiência nem da urgência, mas de um coração recolhido e concentrado. Essa *comunhão* com *Marta e Maria*⁵ cria a unidade interior que sustenta a vida e a missão. O deserto não é, portanto, um parêntese no compromisso, mas sua fonte mais profunda, o lugar onde aprendemos a estar com Deus para que possamos verdadeiramente estar com os outros.

O deserto não é o fim da estrada. Jesus retorna dele para começar sua missão. Este *erêmos* que encontramos no Evangelho significa *solitário*,

desabitado, aparentemente desolado, e, no entanto, na experiência bíblica, torna-se um espaço para o encontro com Deus. Portanto, não nos distancia do mundo, mas antes **nos prepara para habitá-lo melhor**. Jesus retira-se para orar e retorna pronto para se doar, para se entregar. Aqui se revela o paradoxo cristão: o que parece vazio torna-se plenitude.

Talvez, como escolápios, possamos redescobrir hoje que esta tarefa tem um nome muito específico, **evangelização**, e que envolve **aprender e ajudar outros a entrar no deserto**. Sabemos, por experiência, que estes espaços e tempos são profundamente necessários, tanto para as crianças e jovens, como para nós próprios; portanto, trata-se de educar na interioridade, acompanhando estudantes e jovens para que não vivam permanentemente no ruído, oferecendo-lhes, e oferecendo-nos a nós mesmos, momentos de silêncio, de significado e de busca. Criar essas pequenas experiências pode ser uma maneira simples e concreta de cuidar de nós mesmos e sustentar aquilo para o qual somos chamados a viver. Porque, seguindo o caminho de Jesus, o movimento não para por aí, mas vai do deserto para o mundo; um coração convertido que retorna e habita a realidade de uma maneira diferente.

Bom Pai, conduza-nos ao deserto e fale aos

nossos corações.

Afasta o ruído que nos dispersa,
ensina-nos a ouvir a Tua voz no silêncio,
e conduz-nos de volta às nossas vidas com um
coração atento.

Amém.

Pe. Carles, Sch. P.

San Pantaleo, 1 de abril de 2026.

3.- Pascal, Pensamientos, Pensées, fragmento 139 (edición Brunschvicg). Tout le malheur des hommes vient d'une seule chose, qui est de ne pas savoir demeurer en repos dans une chambre.
4.- Han, Byung-Chul. Sobre Dios. Pensar con Simone Weil. Barcelona:

Herder, 2023.

5.- Opera Omnia, vol 5, p. 301, carta de 15 de noviembre de 1635.